

O ENCANTO DE DULCINEIA COMO FIGURATIVIZAÇÃO DA CRÍTICA DE CERVANTES ÀS NOVELAS DE CAVALARIA

Data de submissão: 26/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<https://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: A presente resenha se propõe a resumir o ensaio “A Dulcineia Encantada”, de Erich Auerbach, bem como averiguar nesse *corpus*, concomitantemente, os sentidos que esse encanto figura, a intertextualidade entre o ensaio e o romance de Cervantes, *Dom Quixote*, que, a saber, inaugurou o romance moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Erich Auerbach; Miguel de Cervantes; romance moderno.

DULCINEIA'S EMCHANTMENT AS A FIGURATIVIZATION OF CERVANTES' CRITICISM OF CHIVALRIC NOVELS

ABSTRACT: The present review proposes to summarize the essay “A Dulcineia Encantada”, by Erich Auerbach, as well as to verify in this *corpus*, at the same time, the meanings that this enchantment figures, the intertextuality between the essay and the novel by Cervantes, *Dom Quixote*, which, namely, inaugurated the modern novel.

KEYWORDS: Erich Auerbach; Miguel de

Cervantes; modern novel.

“A Dulcineia Encantada” figura o décimo quarto capítulo da obra *Mimesis*, de Erich Auerbach. A edição utilizada é de 1971, feita pela editora da Universidade de São Paulo. Trata-se de um capítulo sobre a figura da Dulcinéia no primeiro romance moderno, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, que têm dois volumes, (1606 e 1615).

Auerbach destaca o episódio da Dulcinéia encantada, do décimo capítulo da segunda parte (livro) de *Dom Quixote*, cujo título é “Onde se conta a artimanha que Sancho usou para encantar a senhora Dulcinéia, e outros acontecimentos tão ridículos como verdadeiros”. A escolha perspicaz de Auerbach se dá pela artimanha de Sancho em escolher qualquer camponesa de El Toboso e dizer que é a Dulcinéia para dom Quixote, que acredita devido a justificativa de sempre: está encantada pelos magos que o perseguem, o que o torna único, como um cavaleiro das novelas de cavalaria.

Outro aspecto interessante da cena elencado pelo autor é a inversão de papéis. Sempre dom Quixote vê as coisas diferentemente da realidade e Sancho tenta explicá-lhe o que de fato acontece. Nessa cena, é Sancho que tenta impor ao Cavaleiro da Triste Figura uma ilusão sobre as lavadeiras, mas a capacidade imaginativa de dom Quixote falha e ele vê a realidade. Mas tudo se explica com o encantamento de Dulcinéia por parte dos magos que o perseguem, não? Auerbach (1971, p. 297) afirma:

Esta saída do encantamento encontra-se em todos os casos, tão logo a situação exterior se coloca em contraste invencível com a ilusão; permite a Dom Quixote conservar a atitude do nobre invencível herói, que é perseguido por um mago poderoso e invejoso de sua fama.

Assim, a *saída* pelo encantamento justifica toda e qualquer dissonância entre o que enxerga dom Quixote e a realidade empírica dentro do romance. Há um efeito de contraste entre a rude resposta de Dulcinéia no episódio destacado pelo autor – é baixa. Porém, elevada é a retórica de dom Quixote, e tal dissonância tem a função cômica de quebra estilística.

Sancho, que na segunda parte do romance usa o amo para divertir-se, brinca com a ilusão e loucura dele, tornando-se, na segunda parte do romance, um personagem mais perverso ao brincar com a insensatez de seu amo.

A cena transcrita por Auerbach de *Dom Quixote* é considerada por ele cômica. Contudo, o sentimento e as atitudes de dom Quixote são reais e profundos: o amor incondicional à Dulcinéia del Toboso, a fidelidade, a valentia e a disposição a qualquer sacrifício. Apesar de esses sentimentos e atitudes pautarem-se na ilusão da loucura, despertam, no leitor, admiração pela personagem, cuja ideia fixa está ligada à insensatez.

Ainda, para Auerbach, o encontro entre dom Quixote e Dulcinéia simboliza a relação entre o Cavaleiro da Triste Figura e os acontecimentos do mundo empírico. É importante ressaltar o que o autor elenca sobre a loucura de dom Quixote: “só quando a sua ideia fixa entra em jogo é doido; afora isso, é um homem normal e muito inteligente” (Auerbach, 1971, p. 304). Assim, não podemos taxar dom Quixote de totalmente louco. O que o enlouquece é a ideia fixa das novelas de cavalaria, de querer vivenciá-las – tal ideia fixa surge quando a personagem tem quase cinquenta anos e após a leitura de muitas novelas de cavalaria.

A loucura de dom Quixote só é explicada no romance pela leitura excessiva de novelas de cavalaria. Não há outra razão externa para o estabelecimento da perda de sua razão. Pode-se inferir, aí, a crítica de Cervantes ao gênero literário demasiadamente lido pelo protagonista.

Auerbach afirma que na linguagem cortês com que dom Quixote aborda Dulcinéia, as camponesas, sua fala não é ridicularizada. Pode parecer ridícula hodiernamente, mas não em seu contexto de escritura.

Como afirma o autor, há, de fato, um dom Quixote doido e um sensato, lado a lado, o que pode ser observado em suas atitudes honestas e ponderadas para com as pessoas,

principalmente Sancho, quando tem um descanso da ideia fixa. Inclusive, na cena transcrita por Auerbach em seu ensaio, Sancho brinca com a loucura de dom Quixote, como muitos personagens já fizeram e irão fazer. O autor afirma: “A doirdice de Dom Quixote dissolve tudo isso; converte o mundo real e cotidiano num palco hilariante.” (Auerbach, 1971, p. 307). Isso porque ou as personagens representam papéis para zombar e/ou se aproveitar de sua loucura, ou ele atribui papéis incoerentes às personagens, estando, sempre, no palco de sua loucura: “assim também a loucura de Dom Quixote ilumina tudo o que encontra no seu caminho, com alegre indiferença, e deixa tudo em alegre confusão.” (Auerbach, 1971, p. 308).

A relação entre dom Quixote e Sancho Pança tem lugar no texto de Auerbach (1971, p. 308):

Muito frequentemente Dom Quixote fica tão irado por causa de Sancho, que o insulta e maltrata; por vezes envergonha-se por sua causa e, uma vez, no 27º capítulo da segunda parte, até o abandona no meio do perigo. Sancho, por sua parte, segue Dom Quixote, primeiramente por tolice e egoísmo material, porque espera fantásticas vantagens da empresa; e também porque o vaguear, apesar de todas as fadigas, lhe dá maior prazer do que o trabalho regular e a vida monótona em casa. Logo começa a presumir que algo não pode estar certo na mente de Dom Quixote; e depois acontece que o engana, faz troça dele e fala respectivamente a seu respeito.

Ainda, o autor afirma, assinalando a relação entre dom Quixote e Sancho:

A experiência da personalidade de Dom Quixote não é apanhada por ninguém de forma tão total, não é trabalhada imediatamente como um todo tão puro quanto por Sancho – todos os outros se surpreendem, irritam-se ou divertem-se ou querem curá-lo; Sancho penetra na sua vida, e a doirdice e a sabedoria de Dom Quixote tornam-se produtivas para ele; (...) é através dele, em toda sua atitude, que entendemos melhor Dom Quixote. Isto, por outro lado, ata Dom Quixote a Sancho; (...). (AUERBACH, 1971, p. 309).

Sobre Cervantes, Auerbach (1971, p. 311) faz uma importantíssima consideração sobre a ausência de julgamentos das personagens por parte do escritor espanhol: “Mas [Cervantes] não toma partido (salvo contra os livros mal escritos); fica neutro. Não é suficiente dizer que não emite juízos e não tira conclusões; o processo nem é iniciado, as perguntas nem são feitas.” O único tipo de julgamento em voga é da loucura de dom Quixote, que é ridicularizado no discurso narrativo inteiro.

O texto de Auerbach sobre *Dom Quixote* elucida questões importantes da narrativa de Cervantes, principalmente no trecho destacado: a quebra estilística entre a rudez das camponesas e a linguagem cortês de dom Quixote; a loucura de dom Quixote que transforma tudo em hilário; a relação entre esse e seu escudeiro e, por fim, a ausência de juízo de valor de Cervantes, exceto no que diz respeito à loucura do seu protagonista.

A discrepância entre a rudez das camponesas e a linguagem cortês revela, também, uma quebra de expectativa: a Dulcinéia de Sancho, uma camponesa aleatória, *versus* a

criada na mente do protagonista. Claro que há uma saída para esse choque: Dulcinéia, como propõe o título do ensaio de Auerbach, está encantada pelos magos que perseguem dom Quixote. Isso o faz sentir-se especial, como um Amadis de Gaula, pois crê que o mago tem inveja de sua fama enquanto cavaleiro andante.

O mais hilário é: como Sancho encontraria Dulcinéia sendo que não sabe seu nome verdadeiro? Como dom Quixote a reconheceria se nunca a viu pessoalmente? Isso é dito no capítulo I do primeiro livro:

Oh, como se alegrou nosso bom cavaleiro quando fez esse discurso, principalmente quando atinou a quem chamar sua dama! É que havia numa aldeia perto da sua, pelo que se pensa, uma camponesa de muito boa aparência por quem ele andou apaixonado um tempo, embora se acredite que ela jamais tenha sabido disso nem o tenha deixado provar de sua formosura. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e ele achou bom lhe dar o título de senhora de seus pensamentos; e, procurando um nome que não destoasse muito do seu e insinuasse ou parecesse nome de princesa e grande senhora, veio a chamá-la de “Dulcinéia del Toboso”, porque era natural de El Toboso: nome, em sua opinião, musical e raro e significativo, como todos os demais que ele tinha posto em si e em suas coisas. (Cervantes, 2012, p. 66).

Assim, nunca tendo no discurso narrativo relevado o nome real de Dulcinéia a Sancho, ela torna-se sempre encantada: sempre uma ideia criada por dom Quixote a partir dessa camponesa Aldonza Lorenzo, e não ela em si. Dulcinéia é encantada porque não existe.

Ainda, há a interessante colocação de Auerbach sobre a troca de papéis: é sempre dom Quixote que vê gigantes em moinhos, e é puxado, inutilmente, para a realidade pelo seu escudeiro, Sancho. Todavia, no excerto elencado por Auerbach, é Sancho que brinca com a loucura do amo. Só que, dessa vez, a loucura de dom Quixote falha e ele vê apenas a realidade empírica. Mas, por confiar em Sancho, declara à Dulcinéia seu amor cortês e o desfecho desse episódio é, claro, culpabilizar o mago pelos feitiços contra Dulcinéia, que está *encantada*. Como os gigantes o estavam para que Sancho visse apenas moinhos.

É interessante destacar, ainda, o hilariante palco que tudo a volta de dom Quixote se torna: as pessoas zombam dele e/ou tiram vantagem. E a mais cruel das intenções – como o episódio em que Sancho que sacudido por uma manta na estalagem pela ausência de pagamento, já que cavaleiros andantes, segundo dom Quixote, por nada pagavam – torna-se cômica. O cômico, assim, está presente em toda a obra, quer nas travessuras de Sancho, na loucura de dom Quixote ou na incredulidade e/ou maldade de terceiros para com o protagonista.

A relação entre amo e escudeiro, dom Quixote e Sancho é largamente discutida por Auerbach. Temos a interpretação de que dom Quixote, muitas vezes, envergonha-se de Sancho, chega a lhe abandonar à própria sorte e irrita-se facilmente com a simplicidade camponesa do escudeiro. Sancho, por sua vez, segue e serve a seu amo, apesar de, em certo ponto, duvidar de sua sensatez. Mas Sancho que, inicialmente, “compra” a loucura

de dom Quixote, não demora muito a troçar da mesma, como no episódio da Dulcinéia encantada.

Por fim, Auerbach dedica-se em afirmar que Cervantes não faz juízo de valor. Talvez por isso tudo seja um palco, tudo seja hilário, tudo seja representado em volta de dom Quixote e sua ideia fixa, sua loucura. E é justamente essa loucura o único “juízo de valor” que se faz: dom Quixote é louco devido à demasiada leitura das novelas de cavalaria. Não estaria Cervantes consciente de que, ao criticá-las, estava a criar um gênero literário, o romance moderno?

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. A Dulcinéia Encantada. In: _____. Mimesis. São Paulo: Edusp, 1971.

CERVANTES, M. de. *Dom Quixote*. Trad. Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.